

Joana Queiroz
Ribeiro
(Fidelidade)



“É uma competição muito interessante pela possibilidade que nos dá de desafiarmos os nossos colaboradores a testarem e desenvolverem as suas capacidades de liderança, gestão, estratégia e tomada de decisão.” P4

Beatriz Freitas
(Garantia
Mútua)



“Poder apoiar uma iniciativa desta natureza é uma oportunidade única de contribuir para a formação e valorização dos nossos gestores, capacitando-os para um mercado cada vez mais global” P4



Este caderno faz parte integrante do Expresso nº 2374 de 28 de abril de 2018, não podendo ser vendido separadamente

Três jovens checos
arrebatarem a liderança
a países como a China
e a Rússia



República Checa vence final mundial do Global Management Challenge

Estiveram no total **20 países**, oriundos de quatro continentes, a **lutar pela vitória** internacional

Uma equipa formada por três estudantes, oriundos da República Checa, sagrou-se campeã da final internacional do Global Management Challenge 2017 que se realizou de 16 a 18 deste mês, no Dubai, nos Emirados Árabes Unidos (EAU). Para trás deixou equipas como a Rússia e China, por norma fortes candidatas ao título, mas

que desta vez ficaram em quinto e segundo lugar, respetivamente.

Como é hábito a disputa pelo título mundial realiza-se no início do ano a seguir à edição a que diz respeito, para que todos os países onde esta competição de estratégia e gestão se desenvolve, espalhados pelos quatro continentes, tenham

tempo para encontrar o vencedor que os irá representar. Estiveram a lutar pelo título 20 países, entre eles Portugal. No primeiro dia de prova competiram todas as equipas, mas para o dia seguinte, da finalíssima, só transitaram oito. A equipa nacional, formada por quatro quadros e uma estudante, não se incluiu neste leque, tendo

sido afastada dos oito lugares cimeiros.

Esta foi a segunda vez que um país do Médio Oriente acolheu este evento. A prova chegou aos EAU em 2013 onde tem sido um sucesso, com a participação de mais de 200 equipas por ano e conta com o patrocínio da Al-Futtaim Automotive. Len Hunt, presidente desta empre-

sa revelou-se impressionado pela qualidade da competição e a forma como contribui para o desenvolvimento do talento. É algo que valoriza, já que afirma que o seu negócio não são os caros, mas sim as pessoas. E disponibilizou-se perante a organização internacional da competição, em auxiliar o seu lançamento, no Japão.



Espanha, Brasil, Cabo Verde e Portugal, em diferentes momentos dos dois dias de competição, foram alguns dos países que participaram neste evento

COMPETIÇÃO



A foto de grupo ilustra bem a dimensão alcançada pelo Global Management Challenge. Dançarinos mostraram um pouco da cultura do médio oriente e patrocinadores dos EAU receberam prêmios (em cima à esquerda). Convidados à conversa num momento de lazer e a equipa da casa em pose para a foto (em baixo à esquerda). A China ficou em segundo lugar (em cima à direita) e uma panorâmica permite observar as formações a competirem na semifinal

A primeira vez do Panamá e Nigéria

Rússia acolhe final de 2018

Os dois países estrearam-se numa final internacional da competição, mas não foram além da semifinal

Depois do Dubai, será a vez da cidade de Ecaterimburgo receber a final internacional da edição de 2018 desta prova

No final do mês de maio do próximo ano será a vez da Rússia, mais concretamente a cidade de Ecaterimburgo, receber a final internacional do Global Management Challenge 2018. Será a terceira vez que este país organiza este evento mundial.

“Colocámos várias localizações na lista, entre elas Vladivostok, mas optámos por esta cidade, já que estamos focados em promover as regiões russas”, explica Vyacheslav Shopenko, responsável pela organização da competição na Rússia. Depois das cidades de Khanty-Mansiysk e Sochi, será a vez de Ecaterimburgo receber os diferentes países. Com 1,5 milhões de habitantes é a quarta maior cidade russa, está no top das regiões mais desenvolvidas do país, tem indústria e uma grande comunidade estudantil. “É um símbolo para nós porque a Rússia é um país em dois continentes, Ásia e Europa e a cidade está mesmo no meio”, frisa Vyacheslav Shopenko.

A Rússia organiza a competição há 12 anos e já venceu cinco finais internacionais e aqui a popularidade desta iniciativa é grande, já que na edição de 2017 competiram cerca de 1500 equipas. Por norma a sua final nacional é sempre realizada na capital, Moscovo, ou na sua área metropolitana. No próximo ano a organização russa vai realizar a final poucos dias antes do evento mundial, também em Ecaterimburgo. Contra o organizador local que “quanto mais difícil é interessante é no início para os participantes, melhor é no final”. Está talvez a antever uma nova vitória, já que este ano o seu país, contrariamente ao que é habitual, nem sequer ficou nos três primeiros lugares.

Quanto a novidades em território russo Vyacheslav Shopenko conta que debaixo do guarda-chuva do Global Management Challenge tem vindo a criar alguns projetos pilotos. Realizou uma competição, com uma versão mais simplificada do simulador para alunos do ensino secundário entre 15 e 17 anos. “Participaram 80 pessoas distribuídas por 16 equipas. Tentamos construir passo a passo a competição e separamos os profissionais dos estudantes. Os primeiros competem na final internacional e os segundos vão ao evento observar e temos aqui duas equipas vencedoras. Por norma os estudantes alguns anos depois acabam por participar também na liga profissional”, revela. Acrescenta que esta será uma iniciativa a replicar.

Mais direcionado para o recrutamento de empresas, organizou o Manage-It em que participantes, de forma individual e com uma parte em equipa, aplicaram os seus conhecimentos numa sessão com diretores de recursos humanos a observar. “Foi uma boa experiência porque muitos estudantes foram imediatamente recrutados e convidados para um estágio ou juntarem-se à empresa e isso foi interessante e queremos continuar”, finaliza.

O Panamá e a Nigéria participaram pela primeira vez numa final internacional desta iniciativa e foram representados por equipas de estudantes. Mais do que uma competição, os líderes desta formação defendem que este desafio é acima de tudo uma oportunidade de colocarem em prática a teoria universitária aprendida e de conhecerem o mundo das empresas, antes de iniciarem os seus percursos profissionais.

“É a primeira vez que o Panamá participa no Global Management Challenge, sentimo-nos agradecidos como país pela oportunidade e estamos a dar o nosso melhor para ficarmos num bom lugar”, afirmou Sheyla Paulo, líder da equipa do Panamá, no primeiro dia de prova. Já o seu colega de equipa Mario Herrera referia que sentia e muito a pressão, dado o pouco tempo para cada uma das cinco tomadas de decisão de gestão do dia.

“Gostamos da pressão, da adrenalina. Como somos estudantes podemos nesta prova aprender como se comporta um mercado simulado perante as decisões que tomamos como indivíduos, tanto de preço, como da forma de chegar à melhor quota de mercado no momento correto. Isso é o que teoricamente te dizem, mas quando pões em prática verificações como se aplica”, salientou Mario Herrera. Sheyla Paulo defendeu que esta é “uma ótima experiência e necessária para a nossa carreira. Alguns de nós estão a estudar relações internacionais e é fundamental por em prática os nossos conhecimentos”. A aprendizagem prática é algo também importante para a Nigéria. De acordo com a líder da equipa, Abdullahi Salimat Olayinka “neste evento podemos aplicar toda a teoria académica aprendida, percebemos que tudo está relacionado de uma forma ou de outra, o que nos prepara para o mundo profissional, já que entendemos a complexidade da gestão”.

A sua equipa era formada por quatro estudantes de finanças, engenharia de sistemas, contabilidade e gestão de empresas, uma diversidade que na opinião desta líder é importante para um bom desempenho e sentiam a pressão, por parte do seu país, de obterem um bom resultado. No entanto, estes jovens, tal como os anteriores, não foram além da semifinal. A meio do primeiro dia de prova, Abdullahi Salimat Olayinka afirmou que, na sua opinião e para ganhar uma competição como esta é necessário “trabalhar em conjunto na tomada de decisões-chave”.



A equipa do Panamá era formada por quatro estudantes de Marketing e Relações Internacionais

Líder da prova homenageado

Três clubes rotários da capital elegeram Luis Alves Costa como personalidade do ano pelo seu percurso

Os Rotários Clubes de Lisboa Benfica, Lisboa Lumiar e Lisboa Olivais, elegeram Luis Alves Costa, fundador do Global Management Challenge, como “profissional do ano”. Uma homenagem que visou destacar o seu percurso profissional e empresarial à frente desta competição de estratégia e gestão que criou há 39 anos.

“Conheço o Luis Alves Costa desde que fomos assistentes da cadeira de informática de gestão no ISCEF, agora ISEG e ele percebeu desde logo o interesse que os jogos de gestão que ministrava nas aulas, criava nos alunos. Daí a ter criado a sua própria empresa e ter conseguido que o Expresso apoiasse este seu projeto que passou a chamar-se Global Management Challenge, foi um passo”, refere Carlos Vidinha, presidente do Rotary Clube Lisboa-Olivais. Salienta ainda a importância deste projeto português, espalhado por mais de 30 países e do qual Luis Alves Costa continua a ser “o homem do leme”. Anualmente estes três clubes rotários elegem a personalidade do ano. Para Carlos Vidinha “seria importante que todos os anos aparecessem jovens empreendedores com projetos originais, para conseguirem levar o nome de Portugal por esse mundo fora tal como Luis Alves Costa desde há décadas o tem efetuado com elevação e brilhantismo”. Luis Alves Costa sente-se agradecido não só por esta distinção, como por saber que ela vem de muitos profissionais que nestes clubes se encontram. Acredita que o projeto de vida que abraçou, o Global Management Challenge, partilha o espírito e os valores dos clubes rotários, nomeadamente a honra, exigência, rigor, companheirismo e amizade.

A terceira vitória de uma equipa checa

Nesta edição, um país do Leste europeu sagrou-se campeão, mas a segunda posição foi para a China. Macau, o vencedor de 2016, subiu ao pódio em terceiro lugar

Textos MARIBELA FREITAS

A final internacional do Global Management Challenge 2017 decorreu entre os dias 16 e 18 deste mês, no Dubai, nos Emirados Árabes Unidos (EAU). Uma equipa de estudantes da República Checa arrebatou o título de vencedor pelo qual lutou com países de todo o mundo, entre eles Portugal. Reservados quanto à estratégia utilizada, os vencedores revelaram apenas que foi graças ao trabalho de equipa que chegaram ao primeiro lugar. Esta foi também a terceira vitória deste país que já tinha alcançado o título nas edições de 2001 e 2006.

“É uma grande honra, é a concretização de um sonho. Quando se vem para aqui a esperança é ganhar, mas estão cá as melhores equipas do mundo, a competição é dura e qualquer um pode vencer”, referiu Michal Vilímek, líder da equipa vencedora. Estas palavras foram

proferidas após o anúncio da vitória que os surpreendeu, já que ganharam por pouca diferença à China que ficou com a segunda posição.

Mas qual foi o segredo da vitória? Do que fizeram contaram apenas que “a maior vantagem foi perceber muito cedo que não se consegue fazer isto sozinho, é preciso dividir o trabalho e confiar que os outros vão dar o seu melhor”. Já no primeiro dia de prova o líder checo tinha referido que nesta que era a sua segunda participação numa final internacional, estavam a dar o máxi-

PORTUGAL FEZ-SE REPRESENTAR POR UMA EQUIPA MISTA, FORMADA POR ESTUDANTES E QUADROS E NÃO FOI ALÉM DA SEMIFINAL

mo e que com um pouco de sorte talvez vencessem. Explicou ainda que a maior aprendizagem que retiraram daqui é que “o mais importante é a cooperação e trabalho de equipa”.

Desempenho luso

Por norma a final internacional estende-se ao longo de três dias. No primeiro, 16 de abril, os 20 países que estavam a disputar o evento, oriundos de África, Ásia, Médio Oriente, Europa e América, foram divididos aleatoriamente em quatro grupos que competiram no dia seguinte, a 17, na semifinal. Brasil, República Checa, Grécia, Índia, Macau, Hong Kong, Quênia, Kuwait, Portugal, Espanha, Estónia, México, Polónia, Eslováquia, EAU, Cabo Verde, Nigéria, Panamá, China e Rússia, lutaram pelo título mundial. Foram à semifinal da qual apenas passaram para o dia seguinte, depois da tomada de cinco decisões de gestão ao longo de um dia, as duas equipas de cada grupo que obtiveram o melhor desempenho da sua empresa, no total de oito e que foram o Bra-

sil, Macau, Quênia, Espanha, Estónia, Eslováquia, China e Rússia.

Portugal foi eliminado na semifinal. João Maia, chefe da equipa, revelou que “numa das decisões introduzimos mal um valor e depois não deu para reverter a situação o que acabou por nos prejudicar. Trabalhámos na mesma linha da final nacional e umas vezes ganhamos e outras aprendemos”. A sua estratégia passou por comprar logo tudo o que era matéria-prima e componentes e a partir daí vender. Tinham para gerir uma empresa pequena, uma startup, com um cenário muito similar ao vivenciado na final portuguesa, apenas com um mercado um pouco mais expansionista. Outra equipa que não passou da semifinal foi a anfitriã, dos EAU. Durante a semifinal, Afra Al Mezaina confessou que não sentia a pressão de vencer e que chegar a esta fase e representar o seu país era já um orgulho.

E se a República Checa foi a grande vencedora da finalíssima, realizada a 18, onde mais uma vez as equipas tiveram de tomar cinco decisões de gestão tendo ganho a que obteve o melhor

desempenho da sua empresa, a China foi a grande derrotada, tendo ficado em segundo. O país fez-se representar por uma equipa de estudantes liderada por Pei Huafei que em conversa com o Expresso revelou acreditar que a Rússia era o seu maior concorrente. Macau que venceu a edição de 2016, ficou em terceiro. Estudantes de gestão, explicaram que a grande mais-valia desta experiência é “aplicar na prática a teoria aprendida”.

A quarta posição foi para a equipa da Estónia que ficou superenvidada de ir

ESPAÑA ATINGIU A MELHOR CLASSIFICAÇÃO DOS ÚLTIMOS ANOS, TENDO ATINGIDO A OITAVA POSIÇÃO DO RANKING

à finalíssima, já que na semifinal tiveram alguns problemas técnicos. Logo a seguir, em quinto, ficou a Rússia, num lugar muito aquém de edições anteriores. A sexta posição foi também para um país do Leste europeu, a Eslováquia. O Quênia ficou em sétimo lugar. Edwin Ang’asa Mboga, membro desta equipa de estudantes de economia e finanças, salientou que “o Global Management Challenge dá-nos a experiência de que precisamos para entrar no mercado de trabalho”. Por último e em oitavo ficou Espanha, país que há sete anos não chegava à finalíssima.

O jantar de gala de entrega de prémios, realizada na noite de 18, contou com vários discursos e presenças. Nuno Lima Leite e Joaquim Moreira de Lemos, respetivamente diretor da AICEP e embaixador português nos EAU, agradeceram este evento. Len Hunt, presidente da Al-Futtaim Automotive, recebeu o prémio de patrocinador do ano e referiu que “o Global Management Challenge cria líderes do futuro e está alinhado com aquilo que fazemos e em que acreditamos”.

mfreitas.externo@impresa.pt

PROTAGONISTAS

Joana Queiroz Ribeiro
Responsável pela direção
de pessoas e organização
da Fidelidade analisa este desafio

“É uma simulação real que estimula a competição”

O Global Management Challenge conta a partir do corrente ano com uma nova empresa patrocinadora, a Fidelidade. Nos últimos anos a seguradora inscreveu equipas, mas avança agora com um apoio mais alargado. Joana Queiroz Ribeiro, responsável pela direção de pessoas e organização desta entidade, justifica o patrocínio pelo facto de este ser um desafio que contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional de quadros e estudantes.

“É uma competição muito interessante pela possibilidade que nos dá de desafiarmos os nossos colaboradores a testarem e desenvolverem as suas capacidades de liderança, gestão, estratégia e tomada de decisão. É uma simulação muito completa, na qual é preciso assumir diferentes papéis, trabalhar em colaboração e tomar decisões de gestão de topo, o que dá uma visão mais alargada e estratégica de uma empresa e ajuda a compreender a interação entre as diferentes áreas

funcionais e o impacto que as suas decisões podem ter numa organização”, explica Joana Queiroz Ribeiro. Defende ainda que esta ligação é também uma forma de a Fidelidade se dar mais a conhecer como marca empregadora, além da sua habitual promoção e comunicação institucional junto do meio empresarial, académico e dos *media*.

Numa avaliação à competição, Joana Queiroz Ribeiro refere que esta “é uma simulação muito real e abrangente e incentiva a competição saudável entre os participantes, num contexto de diversidade tal como se encontra nas empresas, com diferentes gerações, pessoas com larga experiência profissional e jovens, futuros gestores”. Acrescenta ainda que “permite melhorar os princípios-base do trabalho de qualquer equipa e, ao mesmo tempo, perspetivar um desafio através de uma multidisciplinaridade de conhecimentos e de diferentes pontos de vista.



Para Joana Queiroz Ribeiro, da Fidelidade, esta é uma experiência formativa
FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

Um aspeto tão ou mais importante é que permite obter um conhecimento mais operacional sobre o que é gerir um negócio através das suas diferentes perspetivas, nomeadamente a gestão de pessoas, marketing, produtos, estratégia e finanças”.

Além das valências já enumeradas “a prova desperta para a importância de se ter visão de negócio, porque ter uma visão holística permite compreender melhor as interações e impactos entre as áreas de uma em-

presa. Desperta também para a importância de compreendermos bem não só o que se passa na nossa empresa, mas também à nossa volta. De estarmos atentos às tendências e à informação que nos permitirá sermos diferenciadores e inovadores, para liderarmos de forma sustentada”, salienta.

E sendo esta uma competição disputada por estudantes e quadros, ambos retiram daqui uma aprendizagem. No caso dos colaboradores dá experiência, visão e saber, competências

“

A prova desperta para a importância de se ter visão de negócio, porque ter uma visão holística permite compreender melhor as interações e impactos entre as áreas de uma empresa

importantes para a vida profissional, presente ou futura. Já aos estudantes permite-lhes pôr à prova os conhecimentos que têm vindo a adquirir no seu percurso académico. “Desenvolvem competências comportamentais e conhecem mais sobre o mundo das empresas, através da convivência e trabalho com colaboradores de muitas das organizações de referência e é uma forma de experienciarem a realidade que vivemos no dia a dia”, intensifica Joana Queiroz Ribeiro. Por sua vez as empresas ao acompanharem e estarem próximas destes jovens, têm a oportunidade de conhecer futuros profissionais com as características, atitudes e conhecimentos base para serem bons colaboradores.

Sendo que a edição de 2018 arranca já em maio, a responsável pela direção de pessoas recomenda a todos os participantes que aprendam e se divirtam ao longo desta experiência formativa.

Beatriz Freitas Presidente do conselho de administração da SPGM avalia o Global Management Challenge

“A prova contribui para a formação de gestores”

A vertente internacional e a capacidade de levar os participantes a ultrapassar obstáculos, são duas características do Global Management Challenge que motivaram o Sistema Português de Garantia Mútua a tornar-se este ano patrocinador da competição. Beatriz Freitas, presidente da SPGM-Sociedade de Investimento, a entidade *holding* deste sistema, da qual fazem parte quatro sociedades de Garantia Mútua, defende que esta é uma iniciativa que contribui para termos melhores gestores.

“Conhecemos o impacto que o Global Management Challenge tem a nível nacional e internacional, congregando alguns dos melhores talentos da gestão num desafio competitivo e ao mesmo tempo pedagógico. A Garantia Mútua tem um papel fulcral junto das empresas e queremos apoiar as iniciativas de valor que desafiem os atuais

e futuros gestores e empresários”, explica Beatriz Freitas como a justificação deste patrocínio. Acrescenta ainda que “poder apoiar uma iniciativa desta natureza é uma oportunidade única de contribuir para a formação e valorização dos nossos gestores, capacitando-os para um mercado cada vez mais global”.

A Garantia Mútua é um sistema mutualista de apoio às micro, pequenas e médias empresas que se traduz na prestação de garantias financeiras para facilitar a obtenção de crédito

“

Queremos apoiar as iniciativas de valor que desafiem os atuais e futuros gestores e empresários



Beatriz Freitas defende que esta iniciativa valoriza quem nela participa FOTO RUI DUARTE SILVA

em condições adequadas aos investimentos e ciclos de atividade dessas mesmas empresas. Na perspetiva de Beatriz Freitas, é sobretudo “o desafio colocado aos participantes e a sua capacidade de ultrapassar os obstáculos que mais se identificam com o sistema de garantia mútua e o papel que desempenhamos nas empresas. O facto de esta competição ter uma escala internacional coloca-a como uma referência na captação de talento empresarial no mundo”.

Em termos práticos e na análise de Beatriz Freitas, esta iniciativa valoriza quem nela participa. “Permite enriquecer competências de análise, de trabalho em equipa, tomar decisões, além da rede de contactos e experiências que são partilhadas. É algo de elevado valor na prova e que podem aproveitar e aplicar nos seus negócios”, finaliza.